

---

---

# O AMIGO DAS LETRAS.

Dulcique animos novitate tenebo.

OVID. MET. IV.

---

---

DOMINGO 11 DE JULHO DE 1830.

---

---

## A M O R.

**N**ão é fácil dizer cousas novas a respeito d'este idoso meniuo, o mais antigo dos deoses, e talvez o unico, que as revoluções da terra, e as mudanças operadas nas diversas religiões, nunca poderão privar de suas honras divinas, nem de seus altares. Esses mesmos, que reputão um sacrilégio o deixar-lhe um lugar entre os deoses, o collocão todavia no numero dos demonios mais maliciosos, e mais perigosos; e eu não sei se serão muitos os ómens, que assim mesmo tenham podido abster-se de adorallo de vez em quando, e de tributar-lhe o incenso, que elle outr'ora recebia no Olympo.

Todo o mundo falla de amor; ninguém pôde jactar-se de nunca ter experimentado a sua poderosa influencia, e poucos são, os que lhe tem resistido. Mas, se não é facil evita-lo, muita maior difficuldade há em retratallo, e conhecello.

*Hesiod* deo ao Amor o titulo de *creador* ; e tinha razão. E' o Amor um espirito celeste , um fogo divino , que anima a natureza inteira ; elle a faz sahir do chaos , dissipa as trevas , que a offuscaõ , e une os elementos , de que ella se compõe ; dando impulso á sua força atrahente , consegue fazer com que mutuamente se procurem as partes da materia , por meio do prazer move os animaes a approximarem-se uns aos outros , e inflamma o ómem , infundindo n'elle um sentimento inexplicavel ; elle vivifica tudo , inspira a harmonia , conserva , reproduz , multiplica os entes , e parece ser a um tempo o vinculo , o encanto , e a alma do mundo.

Mas este espirito universal , espalhado por toda a parte , toma outras tantas formas quantos são os corpos organisados , em que penetra ; elle muda de aspecto segundo os lugares por que vae correndo , segundo os tempos que vae passando , e segundo os corações que inflamma ; eis porque se encontra tanta difficuldade em prender e retratar este *Protéo*. Nós todos o conhecemos , não como justamente elle é , mas taes quaes somos ; não é a elle que nós vemos , mas sim á fôrma que lhe apraz tomar para agradar-nos , e a que elle julga , segundo nossos desejos , mais propria para subjugar-nos.

O amor mais conhecido , mais acariciado , o menos puro , e o mais vulgar , é o *Amor-Prazer* ; o Amor , que nos representão menino , cégo , armado de um arco e um facho , é o *Amor-Prazer* , o filho da Belleza , e o irmão das Graças : este Amor , celebre pela sua inconstancia , por suas zombarias , por seus caprichos , furores , e crimes , dá em troco de instantes de prazer seculos de

infelicidade ; foi este Amor , quem faz perecer Theseo , entregou Hercules ás chammas , armou a Grecia , e causou a ruina de Troia. Elle elevou concubinas ao throno , desencaminhou os sabios da Grecia , e os induzio a ultrajar a natureza. Elle erijio altares a sua mãe sob o nome de *Venus-facil* ; obrigou Antonio a sacrificar a sua gloria , a liberdade de Roma , e as riquezas do Oriente , aos carinhos de Cleopatra ; presidio ás sanguinosas orgias de Néro ; Messalina deve-lhe a sua vergonhosa celebridade , debaixo de suas flôres e grinaldas estão escondidos os punhaes de Medicis.

Nada hã mais seductor , nem mais terrivel do que este deos. Precede-o a esperança , a sensualidade o acompanha ; o ciume o odio o seguem , e a loucura , que o guia , quasi sempre o conduz para um lugar arido e deserto , onde o que se encontra são tristes pezares e saudades , o remorso cruel , e o eterno e melancolico aborrecimento.

Quando este Amor , sem mostrar-se tão formidavel , só fere de leve jovens corações com as menos agudas de suas settas , são mais supportaveis as desgraças , com que ameaça ; mas é que tambem a sua chamma viva e ligeira apenas deixa presentir a felicidade ; a promptidão com que se atêa , com essa mesma se apaga , e o seu calor não chega ao coração.

Apezar d'este Amor não merecer o nome , que usurpa , é todavia o que mais geralmente se experimenta , sem embargo de se querer encobrirlo ; e hoje , mais que nunca , quando se invoca o amor , não se faz mais do que adorar o prazer. Deixemos aos poetas o trabalho de

descrever este Amor ; Ovidio , Tibullo , Sapho já o celebrão ; elle de nós fugiria , se lhe dirijisemos a linguagem da razão , sua eterna inimiga : tambem não poderíamos esperar que a louca mocidade nos attendesse , pois que a seu exemplo nos voltaria as costas , rindo-se.

Occupemo-nos antes do Amor verdadeiro, do *Amor-Sentimento* , d'este deos , que a um tempo impera na alma e nos sentidos , que arrastando-nos n'os exalta ; d'este Amor , que nos purifica ao passo que nos abraza ; e acompanhemos seu brilhante carro , que aproximando-nos das virtudes e da gloria , nos conduz á felicidade.

O fim do Amor é a perfeita união de dous entes , tão intimamente ligados , que se confunda n'uma só a existencia de ambos ; e se a vida é um beneficio dos deoses , duplica-nos o Amor este beneficio ; quando amamos devéras , sentimos duas almas unidas , saboreamos tanto o prazer , que damos , como o que recebemos , e a felicidade , que gosa a pessoa amada , é-nos tão apreciavel como a nossa propria : pôde-se dizer que amar é o mesmo que sentir duas existencias , e possuir duas vidas.

A união dos sentidos , por si só , é apenas uma imagem imperfeita d'esta felicidade , pois que ella é filha do desejo , e o desejo é o mais voluvel dos amores : o prazer , que elle busca , é precisamente o inimigo , que o destróe , e debaixo mesmo das flôres de suas delicias é que elle váe encontrar seu tumulto. O prazer da sensualidade é tão passageiro como a belleza , que o inspira : o proprio Ovidio , que não conheceo a fundo , e não cantou bem senão este Amor , disse : *As violas e os lirios durão pouco tempo : cahe a rosa e o espinho feo : tal é*

a sorte da belleza, se a ella se não reúnem a sensibilidade do coração e as graças do espirito.

Os Gregos, em tudo engenhosos, fazião presidir ás vedas a imagem de Mercurio ao lado da de Venus, para mostrar que era preciso ajuntar á belleza o saber, e uma linguagem affavel, a fim de tornar constante o seu tempo, e perduravel a sua felicidade.

Quando a alma e os sentidos se achão igualmente inflammados, não succede a fadiga ao prazer, não vem o tedio encher os intervallos do desejo, nem encontramos vacuo algum na vida; a par dos transportes de Amor andão sempre as delicias da amizade; penas, prazeres, afflicções, esperanças, tudo é commum; e dous amantes, dous esposos, assim unidos por este vinculo encantador, gosão em dobro os favores da fortuna, e de seus golpes apenas sentem metade. Este Amor, longe de ser cego como o outro, a cada instante distingue e descobre novos encantos no objecto amado. E' por isso que o Amor nascido do coração se inflamma com o prazer, cresce com a felicidade, e aperfeiçoa a pessoa, que admira; elle perpetua suas doces emoções, e diviuisa a quem ama.

O Amor dos sentidos quer só agradar e gosar, e deixa de desejar logo que possui; apaga-se a sua chamma, se continuamente a não nutre algum alimento novo; em vão se lhe argue a sua inconstancia; o que conserva e aviva seu facho é tão sómente o movimento de suas azas. Mas, tambem que meios empregão aquelles, que o adorão, para terem direito a seus favores? Alinhão cuidadosamente a sua figura, cuidão só em enfeitar-se, varião a cada instante de maneiras, de tom, de linguagem.

e de peraltice; consiste todo o seu fim em parecer amáveis, multiplicar suas conquistas, e supplantar seus rivales: é brilhante, é superficial, é fragil tudo quanto se encontra n'este templo do prazer, tudo alli enfraquece, desdoura o ómem, tudo o desvia da sua dignidade: a divindade d'este templo um só momento não deixa de cobrir-se com o manto da realidade; as virtudes são as unicas victimas, que a sensualidade e os vicios coroado de flôres alli lhe consagrão.

Ao contrario, quando são chammas de um amor verdadeiro as que nos abraçã, nunca deixamos de estimar o objecto querido, admiramos tudo o que lhe agrada, tornamos-nos dignos de todas as suas finezas, e naturalmente nos atribuimos uma grande parte da honra, que lhe redunda das perfeições, que o adornão: nós queremos que a pessoa, a quem dedicamos o nosso amor, se mostre soberba de nossas virtudes, de nossos talentos, de nossa gloria, e collocamos n'um ponto tão sublime a nossa felicidade, que a todos os instantes temos de nos elevarmos a fim de alcançalla.

N'este Amor, o que excita o desejo é o pudor; o que dá á victoria todo o seu apreço é a resistencia, o que assegura e prende a constancia é a felicidade: o amante feliz ainda gosa a alma, muito tempo depois de ter esgotado a taça do prazer dos sentidos. Foi d'este Amor que Delille se exprimio tão bem, quando disse:

As delicias de amor, só filhas d'alma,  
Os ternos pensamentos, as lembranças,  
Onde absorto o coração se alenta  
De gostosos deleites, que passados

Saborêa feliz a seu descanço ;

Consagrando o prazer ao sentimento :

Taes transportes de Amor pintar quem pôde !

Este Amor não se limita a constituir felizes os verdadeiros amantes, tambem cria heróes, excitando uma coragem sublime, produzindo admiraveis acções, e aspirando ás virtudes heroicas ; foi d'este Amor que se sentirão animadas as *Artemisas*, as *Arias*, as *Cornelias*, a *Mãe dos Gracos* a de *Coriolano*, a virtuosa *Branca*, e a valerosa *Margarida d'Anjou* ; a este amor é que os nossos antigos heróes devêrão suas proezas, seu renome e a sua felicidade.

( *Continuar-se-há.* )



## ARTIGO COMMUNICADO.

### *Inconvenientes* DA LIBERDADE DA IMPRENSA.

#### DISCURSO DE UM MINISTRO EM UM CONGRESSO.

Se desde os primeiros dias, em que S. M. a *Leôa* exerceo o poder supremo, o espirito de sedição e uma ambiciosa mania viêrão desgraçadamente perturbar a tranquillidade publica, ( principal e mesmo unico motivo por que aqui nos reunimos, ) não se deve imputar este sinistro acontecimento nem á *sabia* regente, nem a seus ministros : é ne essario imputallo a esses orgulhosos philosophos, que com criminosas e atrevidas maximas se es-

forção por acreditar e propagar falsas doutrinas, e com ellas os maiores desastres : é d'esta sorte que elles tornão turbulentos e sediciosos os povos, d'antes tão doccis ao jugo. Se nós queremos manter em todos os reinos uma duravel tranquillidade, firmada no apoio servil dos nobres e dos grandes, eu proponho ao *Crocodilo* que se decrete desde já, que todo o bruto de qualquer dignidade, força, ou condição que seja, executará fielmente as ordens do soberano sem replica, ou exame : que d'esta maneira se ponha um freio á licença, e á fogosa audacia dos Jornalistas, que se permitem reflexões, e expõem os factos com verdade, só pela louca razão de ser verdade : nós não devemos soffrer que a verdade chegue aos olhos e ouvidos do povo : é necessario que elle seja obrigado a crêr o que nos importa que elle crêa.

A veridica impudencia d'esses escritores só tende a romper todas as cadêas de uma necessaria subordinação ; só a fomentar a independencia do pensamento ; só a corromper o espirito publico. Permittireis-vos que se exponhão á luz os vicios da administração, e os erros dos governantes ? Immediatamente cahirá por terra o edificio publico. A *Gazeta* redigida pela *Pêga* é a unica, que deve ser estimada. E' um verdadeiro modêlo : seu estilo e o fim, que ella procura, são os unicos permittidos a todo o redactor de gazetas. Que circumlocução agradável dá ella a tudo o que conta, concluindo de maneira que sempre os ministros tem razão ! Por preludeo, pois, facil e certo d'essa felicidade publica, por que suspiramos, sejam toda a instrucção e os estudos prohibidos aos animaes ; e desapparecendo em fim a lepra litteraria, desappareça tambem o desejo de philosophar. Pois que

agora o fatal despejo philosophico de alguns brutos particulares é causa de tantos males, o que não acontecerá, ó meus collegas, o que não acontecerá aos Estados e aos principes, se acontecer que ministros philosophos pertendão um dia regular os negocios politicos? Está evidentemente provado, que o acontecimento mais sinistro para um Estado seria que um philosopho ou litterato estivesse á testa do governo. Não sómente todas as cousas no mesmo instante ficarião deslocadas, e o que fosse debaixo ficaria para cima, e o que fôsse de cima para baixo, mas até a bússola da boa administração se perderia para sempre. O governo dos povos não quer systemas abstractos e chimericos, prazes inchadas, emphases de uma esteril ideologia. E' necessario ao que governa um grande uso, uma grande pratica dos negocios e das côrtes: nunca o timão dos Estados deve ser confiado a mãos noviças, e sem experiencia. E tambem eu me entreguei aos estudos por passatempo e prazer: mas, eu os subordinatei sempre ás maximas invariaveis, porque devem ser governados os reinos e os imperios. A doutrina politica das *Raposas* é sempre pura, sã, e livre de todo o veneno philosophico. Segundo a minha opinião, não é menos necessario extirpar dos Estados a philosophia, que do corpo dos animaes os *Carrapatos*, a ronha, ou outra qualquer infecção maligna. Crêde minha experiencia: a philosophia é a gangrena, que rói e destrói todos os Estados: e pois que a ignorancia e os ignorantes fôrão, são, e serão sempre os penhores da tranquillidade publica, e os mais solidos columnas do throno, todo o principe, em quanto conservar uma onça de senso commum, os honrará e recompensará. Se mesmo a maioria e o presidente fôrem da minha opinião, não nos conten-

taremos em proscrever por uma lei geral a instrucção, e o saber; mas determinar-se-há por um decreto solemne, que todos os annos se repartirão honras, recompensas, e cargos publicos, em todos os reinos, aos brutos reconhecidos por mais ignorantes.

CASTI: *Gli Animali Parlanti.*



CAZAS DE JOGO.

No interior de Paris, e em algumas outras cidades do reino, existem estabelecimentos sanguinarios, os quaes são, em menoscabo das leis, não só tolerados mas até protegidos. E' n'estes estabelecimentos que se fabricão todas as castas de desgraças, que tem a sua origem e se desenvolvem todas as desordens, que perturbão o Estado e a sociedade; n'estas cazas de jogo commettem-se innumeraveis roubos, não com cautella e ás escondidas, mas sem reboço e á face de todos; e estes roubos, constantemente privilegiados, fundados nas paixões mais ardentes, e vergonhosas, e em seduções de todas as especies, causão a ruina dos cidadãos, a desesperação e a morte de muitos d'elles, promovem a relaxação e o esquecimento de todos os vinculos sociaes, e a destruição de todos os sentimentos generosos, dão uma falsa e criminosa direcção á ambição e á esperanza, e offerecem um funesto emprego a capitaes, que tanto reclama uma util industria: são estes estabelecimentos verdadeiros focos da depravação e do crime, d'onde se precipitão so-

bre o resto da sociedade todas as calamidades, que devastão a terra; são outros tantos asylos medonhos, que uem um pãe de familia, nem uma esposa devem encarar sem horror, que não deixão penhor algum nem a amizade, nem a confiança, nem a virtude, nem a honra individual, e que, em quanto existirem, privarão a todo o capitalista por grande que seja, a todo o empregado de repartições melindrosas, da certeza de não virem a morrer, por causa da infidelidade de um caixeiro ou por sua propria culpa, na miseria, e no opprobrio.

BOISSY-D'ANGLAS; *Reclamação contra as Casas de jogo, dirigida á Camara dos Pares. 1822.*



#### A AVAREZA.

Para se poder dar uma definição exacta d'esta paixão, fôra preciso conhecer um por um a todos quantos vivem debaixo do seu jugo; — cada um é o dotado de um caracter particular, todos tem genios diversos, e a avareza sabe amoldar-se á disposição physica e moral de cada um.

E' esta a razão, penso eu, porque existe no amor do ouro uma singularidade mais indefinivel, e muito maior obscuridade, do que no problema mais intrincado e extravagante, com que se tenha cansado o espirito humano; e tambem, quando esta paixão parece buscar alguma cousa mais, além da sua propria satisfação, — receio que pouco haja que dizer, — bem pouco, em louvor

da sua humanidade; — ella póde, é verdade, fazer o encanto da vida do avarento; — mas, pensai bem na ruina, que ella necessariamente deve causar a outros muitos: no momento que esta sordida paixão principia a apoderar-se do coração humano, n'elle se extinguem os sentimentos de honra e humanidade! O ómem avaro não se lembra mais do que deve a seus pais, a seus filhos, e amigos! — Para sempre se esquece de todos os seus deveres. — Olhai! — Eillo, alli o tendes destituido de toda a piedade: não o commovem os pungentes gritos da justiça; — os queixosos aís da desgraça abatida não chegam a seus ouvidos. — O' Deos eterno! Observa-o; — elle passa por perto d'aquelle desgraçado, a quem teu braço acaba de ferir, e nem ao menos uma palavra consoladora lhe dirige: — elle entra na choupana d'aquelle viuva, a quem tu roubaste o esposo, o filho; — e sem soltar um só suspiro, exige, arranca o pagamento da sua divida! O' meu Deos! Se tenho um dia de ser seduzido, —, seja, ao menos, por algumas paixões generosas, — pela da gloria, ou da ambição: — se tenho de succumbir — embora, mas que eu succumba á força de alguma d'essas propensões, que sem nunca me impedernem o coração, me permittão em fim retroceder, e voar a teu seio.

STERNE: *Sermão XIX.*



MAXIMA.

As pessoas verdadeiramente joviaes nunca são falsas nem vingativas.

*M.<sup>me</sup> De Genlis.*

---

S. PAULO: NA TYPOGRAPHIA DO FAROL PAULISTANO.